



SALÃO FNLIJ DO LIVRO PARA CRIANÇAS E JOVENS CELEBRA 10 ANOS

Evento reúne principais autores e ilustradores do ramo e tem lançamentos, performances, exposição de ilustrações e seminário para educadores

O Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro recebe entre 21 de maio e 1º de junho o 10º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens. O evento reúne 66 editoras com os mais recentes lançamentos para o público infantil e juvenil, além de autores e ilustradores de todo o país. O salão, que se firmou ao longo da última década como o mais importante evento do ramo no Brasil, conta ainda com o Espaço FNLIJ de Leitura e a Biblioteca FNLIJ-Petrobras, que dispõe de aproximadamente dois mil títulos para a diversão do público mirim e adolescente. O patrocinador oficial do evento é a Petrobras.

Para comemorar a data, autores consagrados participam do evento, entre eles Luís Fernando Veríssimo, Ziraldo, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, Marina Colasanti, Adriana Falcão, Eva Furnari, Bartolomeu Campos de Queirós (indicado brasileiro ao Prêmio Hans Christian Andersen deste ano) e Bia Bedran; nomes que ajudaram a inscrever a literatura infantil e juvenil brasileira entre as melhores do mundo. No Espaço FNLIJ de Leitura são realizados encontros com os escritores para debater suas obras. No mesmo espaço acontecem performances de alguns dos mais reconhecidos ilustradores brasileiros, como Rui de Oliveira (indicado brasileiro ao Prêmio Hans Christian Andersen deste ano), Roger Mello, Fernando Vilela, Mariana Massarani, Graça Lima, Ricardo Azevedo e Guto Lins.

Ao percorrer os dois mil metros dedicados à literatura, as crianças e jovens têm direito a levar para casa um livro próprio para sua idade.

Para coroar os 10 anos do Salão FNLIJ, a Itália - com seus monumentos milenares e artistas que narram a história da humanidade - é a grande homenageada do evento. Há uma exposição com ilustrações italianas

já publicadas em livros infantis deste país. Os ilustradores Francesco Tullio Altan e Roberto Innocenti, que acaba de ganhar em Bolonha o Prêmio *Hans Christian Andersen* de Ilustração, estão no Brasil para prestigiar o Salão e comentar suas respectivas obras e a importância da ilustração no livro infantil e juvenil.

Durante o seminário, os especialistas italianos discutem sobre a literatura para crianças na Itália e sobre o trabalho do ilustrador. No estande do país convidado está exposta uma variedade de ilustrações para aproximar os visitantes cariocas da cultura fascinante da terra da Renascença.

Além disso, o ilustrador brasileiro André Neves recebe o ilustrador italiano Francesco Tullio Altan para realizarem juntos uma performance no dia 24 de maio, às 17h, no Espaço FNLIJ de Leitura. Outro importante momento, também no Espaço de Leitura, será o encontro no dia 25, às 18h, entre os brasileiros Rui de Oliveira e Eva Furnari com o italiano Roberto Innocenti, para falar sobre o tema da ilustração e realizar uma apresentação a seis mãos.

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ

A *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil*, idealizadora e organizadora do salão, comemora 40 anos de existência também em 2008. Criada em maio de 1968, a fundação é referência pelo trabalho de formação de leitores e pela avaliação criteriosa e imparcial da produção brasileira no gênero.



Salão FNLIJ DO Livro PARA Crianças e Jovens

Serviço: 10º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens

Local: MAM – Museu de Arte Moderna

Endereço: Av. Infante Dom Henrique, 85 Parque do Flamengo RJ • Tel: (21) 2240-4944

Quando: De 21 de maio a 1º de junho de 2008

Horário: segunda a sexta, das 8h30 às 18h; sábados, domingos e feriado, das 10h às 20h.

Ingresso: R\$ 3,00 (gratuidade para maiores de 65 anos, portadores de deficiência e professores da rede municipal)

FNLIJ • Tel.: (21) 2262-9130 / www.fnlij.org.br

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ comemora 40 anos de uma revolução silenciosa

O ano de 1968 foi um marco da rebeldia da juventude e de rupturas de comportamento. Mas, enquanto os estudantes de todo o mundo tomavam as ruas e faziam barulho para realizar suas reivindicações. No Brasil, um grupo de mulheres, formado pela bibliotecária Ruth Vilela dos Santos, a pesquisadora literária Laura Sandroni e a técnica de assuntos educacionais do MEC Maria Luisa de Oliveira, cuidava de fazer uma revolução silenciosa pelo incentivo à leitura de crianças e jovens. Surgia neste ano mítico a **Fundação do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ**, uma instituição privada e sem fins lucrativos, que teve desde o início a missão de transformar o Brasil em um país de leitores pela base, ou seja, desde a infância.

Em maio de 2008, a FNLIJ completa 40 anos. O Salão do Livro para Crianças e Jovens - promovido pela fundação, com patrocínio da Petrobras, e considerado o mais representativo evento literário no Brasil voltado para crianças e jovens - celebra também a realização de sua décima edição no Museu de Arte Moderna - MAM, no Rio de Janeiro, reunindo as principais editoras, autores e lançamentos do setor, além de divulgar com exposições paralelas os trabalhos desenvolvidos por outros países nesta área. O salão abre simultaneamente espaço para debates sobre políticas públicas e ações não-governamentais do setor em seminários que ocorrem ao longo do evento.

A instituição representa a seção brasileira do *International Board on Books for Young People - IBBY*, organismo internacional de fomento à leitura. Entre as tarefas da fundação está a indicação a cada dois anos de autores nacionais para concorrer ao prêmio *Hans Christian Andersen* de ilustração e de texto, correspondente ao Nobel de Literatura no gênero infantil. Entretanto, ao contrário do Nobel, o Brasil já teve duas autoras premiadas. Em 1982, ganhou Lygia Bojunga e, em 2000, Ana Maria Machado. Desde 1974, a FNLIJ é também a responsável pelo estande brasileiro na feira internacional de Bolonha, na Itália.

Segundo Elizabeth Serra, secretária geral da FNLIJ desde

A instituição de incentivo à leitura para crianças e jovens no país desenvolveu no período um trabalho reconhecido por especialistas e editores

1989, a fundação tem como função primordial a promoção e divulgação de livros de qualidade para crianças e jovens, em particular os de literatura. “*O direito de conhecer a produção artística por meio da literatura e de ter acesso crítico à informação é tão importante para as pessoas como se alimentar, morar bem, trabalhar e conviver bem com o outro*”, defende Beth.

A secretária-geral da FNLIJ explica que anualmente são recebidos cerca de 90% da produção editada no período, que passa por uma análise criteriosa e imparcial por especialistas do ramo. Uma vez avaliados, os melhores livros são premiados em 18 categorias, entre elas melhor texto, ilustração e projeto gráfico. Por ser referência de qualidade no mercado, a maior parte das editoras premiadas coloca nas capas de seus livros o selo de qualidade dos prêmios concedidos pela FNLIJ.

“*Nos últimos 12 anos, a fundação conseguiu ampliar o número de editoras que enviam livros para a leitura crítica e seleção anual, culminando na escolha dos melhores. Os prêmios FNLIJ, já com mais de 30 anos, são a principal referência nacional de qualidade para editores e autores. Isto porque conseguimos o reconhecimento da seriedade e isenção com que conduzimos o processo de análise*”, explica Beth.

Maior acervo da América Latina e projetos de incentivo à leitura de repercussão internacional projetaram o trabalho da FNLIJ

Sediada no histórico prédio Gustavo Capanema (MEC), no Centro do Rio de Janeiro, a instituição reúne o maior acervo de títulos para crianças e jovens da América Latina, com aproximadamente 40 mil exemplares de livros de ficção

e informativos, além de documentos sobre o tema. Há também cerca de 11 mil exemplares em língua estrangeira. Com o aporte de recursos da Caixa Econômica Federal em 2007, complementada por uma verba da Petrobras, foram iniciadas ações para facilitar o acesso das informações do acervo. Neste mês será inaugurado um novo portal da fundação, onde os dados essenciais (número de páginas, autor, ilustrador, editora, prêmios concedidos) estarão disponíveis para os usuários. Mais à frente serão incluídas resenhas dos livros.

A FNLIJ é também protagonista das principais ações de promoção à literatura infantil e juvenil do país. Por meio do trabalho da fundação, surgiram programas considerados referência no Brasil e no mundo. Os mais notórios são a “Ciranda de Livros”, que levou livros de literatura para as escolas mais carentes do Brasil e abriu caminho para a criação do programa Salas de Leitura, e para o “Proler” (Programa Nacional de Incentivo à Leitura) criado em 1992 pela Fundação Biblioteca Nacional, baseado em proposta apresentada pela FNLIJ. Uma das ações mais recentes, numa parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, foi o curso “Leitura, Literatura e Formação de leitores”, ministrado e organizado pela FNLIJ, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de professores na formação de novos leitores.

Apesar dos baixos índices de leitura e do rendimento sofrível dos estudantes brasileiros na avaliação escolar, a presidente do Conselho Diretor da FNLIJ Gisela Zincone ressalta o alto padrão da produção nacional e lamenta a falta de uma política de governo para a divulgação dos autores e ilustradores nacionais no exterior. “*Falta uma política de governo e programas de divulgação no exterior, além de recursos para traduzir para o inglês estas obras*”, avalia Gisela.

Nas próximas páginas, a palavra de alguns dos principais representantes brasileiros da Literatura Infantil e Juvenil

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ ao comemorar 40 anos de existência na defesa e promoção da literatura infantil e juvenil de boa qualidade e a realização do 10º Salão FNLIJ para Crianças e Jovens foi ouvir as reflexões de quem se dedica a fazer do Brasil um país de leitores, com uma produção literária elevada, reconhecida internacionalmente. A tarefa, árdua, é construída por pequenas contribuições de escritores, ilustradores e editores, que fazem de seu ofício um exemplo de resistência e indiscutível valor artístico.

Linha do tempo da FNLIJ: fatos mais relevantes e marcantes

1968

Criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ, como seção brasileira do IBBY



As fundadoras Maria Luisa de Oliveira, Ruth Vilela dos Santos e Laura Sandroni.

1972

Participação da Bienal Internacional do Livro, em São Paulo, organizando o 1º Seminário do Livro Infantil e Juvenil (LIJ) que também ocorreu em 74, 76 e 78, este último, latino-americano

1974

FNLIJ participa pela primeira vez da Feira de Bolonha • Início do Prêmio FNLIJ • Realiza Congresso do IBBY no Rio

Bartolomeu Campos de Queiros



Seu trabalho é uma das apostas do estande brasileiro na Feira de Bolonha, coordenado pela FNLIJ. Qual a importância de ter seu nome divulgado na mais importante feira internacional do gênero?

Sempre que a FNLIJ me escolhe para integrar, ao lado de outros escritores brasileiros, aos seus programas de trabalho é um reconhecimento público que recebo. Conheço as atividades da Fundação há 35 anos. Sei de suas propostas e afirmo que todo reconhecimento que se tem hoje da qualidade da literatura para os mais jovens no Brasil se deve ao comprometimento da entidade com as verdadeiras funções da leitura para a construção de uma sociedade mais crítica e exigente. Ao se fazer presente na Feira de Bolonha para nos representar como escritores e fazer circular nossa produção, todo meu gesto é de agradecimento. Desconheço trabalho maior do que este, da Fundação, de levar o Brasil para além de nós. E o que mais sensibiliza o escritor é a promoção e divulgação de sua obra. Ter o aval da Fundação é gratificante tanto para os autores como para os editores.

A FNLIJ indicou seu nome também para concorrer ao Prêmio Hans Christian Andersen. Como recebeu esta indicação? O Brasil já foi premiado por duas vezes com Ana Maria Machado e Lygia Bojunga. Como você avalia a produção brasileira neste segmento literário?

Ao ser escolhido pela Fundação como representante do Brasil para concorrer ao Prêmio *Hans Christian Andersen* me envidoece e, principalmente, tendo ao meu lado o ilustrador Rui de Oliveira. Isso me indica que meu esforço para a construção de uma obra não foi em vão. A indicação, passando por todos os votantes da referida Fundação — críticos especializados — é só por si uma distinção. Depois, ser distinguido para figurar ao lado de Ana Maria Machado e Lygia Bojunga, com suas obras reconhecidas no país, é um privilégio independente do resultado da premiação. A manifestação da Fundação sempre é um prêmio.

A FNLIJ é considerada por boa parte do mercado editorial e por especialistas do ramo como imprescindível para o desenvolvimento da literatura entre crianças e jovens no Brasil. Ao longo destes 40 anos, quais as mais importantes ações desenvolvidas pela FNLIJ?

Todos que vivem em torno do livro, dos escritores às editoras, reconhecem a excelência do trabalho da FNLIJ. Impossível falar, tanto recorrendo à prática como ao pensamento acadêmico, em literatura infanto-juvenil brasileira sem ter como fio condutor a experiência da Fundação ao longo de seus 40 anos de atividades. Toda política de leitura existente no país de hoje se deve às considerações da Entidade. A sua premiação anual confirma a qualidade da nossa produção ao longo de nossa his-

tória. Os seus concursos revelam importantes projetos para a formação de leitores em diferentes regiões do país. Sua política em favor do livro e da leitura tem sensibilizado as secretarias de estados a incorporar aos processos educacionais uma prática leitora literária no cotidiano e a implantação de bibliotecas. O Salão do Livro, pelo rigor em sua concepção, tem sido tomado como exemplar ao privilegiar o livro de literatura.

Daniel Munduruku

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil formou uma parceria com o Inbrapi para promover a cultura indígena por meio da literatura. De que maneira a FNLIJ é contribui para a disseminação do conhecimento indígena brasileiro?

A parceria INBRAPI/FNLIJ foi uma importante aliança para o pensamento indígena brasileiro, porque serviu para ordenar um saber que estava disperso. A partir de 2004 começamos a articular verdadeiramente a literatura indígena e estabelecer uma nova relação com o mercado nacional. Isso só foi possível graças à visibilidade que a FNLIJ proporcionou à qualidade da escrita indígena. Sem dúvida nenhuma o pensamento indígena tem hoje um outro tratamento graças a esta visão de futuro que a FNLIJ nos proporcionou.

A cultura indígena se desenvolveu tradicionalmente pela via oral. Como a relação com o livro contribui para a perpetuação deste conhecimento e de suas particularidades? Quais ensinamentos a literatura indígena pode trazer para os demais brasileiros?

Uma das questões que sempre nos ocorreu foi se não estaríamos “congelando” a oralidade por conta da escrita. Diante do conflito, percebemos, aos poucos, que estamos prestando um grande serviço para o nosso país e para os nossos povos ao desenvolvermos esta literatura. Até porque o livro é capaz de alcançar uma boa parte da população brasileira que precisa desta leitura da história. Então, eu acredito realmente que estamos perpetuando nossas tradições pela escrita.

Com relação aos ensinamentos que oferecemos à sociedade, eu diria que lembramos aos nossos leitores suas origens ancestrais; mostramos que há uma sabedoria que vai além da compreensão ocidental; alimentamos o imaginário e oferecemos uma outra leitura de mundo e realidade possíveis. Acho que isso é muita coisa, mas especialmente lembramos às pessoas que nossa existência é fundamental para que o Brasil mantenha sua identidade étnica.

A presença constante do Salão do Livro para Crianças e Jovens é uma excelente vitrine para a produção literária indígena. Desde qual edição você participa do Salão? Como você avalia a participação no Salão e os dez anos do evento?



A minha primeira participação aconteceu em 2003. Já ali costuramos uma parceria entre Inbrapi/FNLIJ e no ano seguinte realizamos o primeiro encontro de escritores indígenas. Foi um evento muito importante, porque proporcionou uma visibilidade maior aos autores indígenas. Dali pra frente nossa participação só aumentou e vimos acontecer muitas coisas positivas, como o surgimento de novos autores graças ao Concurso Tamoiós. Vimos os editores reunirem-se conosco para fechar negócios e propor trabalho; vimos as crianças mudarem seu comportamento com relação à nossa presença; vimos os professores da rede pública de ensino preocupados em mudar seus métodos de ensino. Enfim, o Salão é não apenas uma vitrine, mas um produto que nos tem ajudado a olhar para nossos povos com maior orgulho e otimismo.

Marina Colasanti

Você é apontada como um dos principais nomes da literatura infanto-juvenil brasileira. No entanto, seu trabalho literário não é exclusivo para este público e nem é restrito ao gênero da prosa. Ao iniciar um livro para crianças ou jovens, quais particularidades são necessárias para escrever para este público?

De alguma maneira é o livro quem escolhe seu público. Ou seja, quando você tem uma idéia para um livro ela já vem, digamos assim, formatada ou endereçada. Não creio que alguém tenha uma idéia sólida para um livro e fique rondando ao redor dela para descobrir a quem se destina. Pelo menos, não eu. Tenho, porém, que fazer alguns reparos: primeiro - se é em poesia que vou trabalhar (publiquei recentemente um livro de poesia infantil, “Minha ilha maravilhosa”) a escolha do público antecede o livro, não é ditada por uma idéia fundadora, como seria um enredo, mas por um desejo ou um querer. A partir desse querer, consciente e inconsciente, acerto sua bússola e passo a criar na direção estabelecida. Segundo: uma parte da minha produção considerada infantil é constituída pelos contos de fadas. E os contos de fadas são, por sua própria natureza, narrativas para qualquer idade. A questão da idade é muito complexa e, nunca, apenas biológica. Na verdade, o autor atira no escuro. Crianças são muito diferentes de jovens, como leitores, ou deveriam ser. Para uns como para outros minha pauta é simples, falar a sério de coisas sérias. E as coisas sérias podem ser muito divertidas.

Você tem como hábito ilustrar seus próprios livros. Como funciona, no seu caso, a ilustração de um livro? Em um livro para crianças a ilustração deve obedecer alguma regra em particular?

Eu, tão disciplinada na vida, sou avessa a regras quando se trata de arte ou, para ser mais modesta, quando se trata do meu fazer. Nunca “aprendi” a ilustrar, o que lamento. É provável que haja regras. Mas é certo que o ato de ilustrar — que começa nas cavernas — é anterior a elas. Sou de formação pintora e gravado-



1977

Publicação da 1ª Bibliografia Analítica da Literatura Infantil Brasileira



1982

Projeto Ciranda de Livros, em parceria com Fundação Roberto Marinho

- Indicação vitoriosa da escritora Lygia Bojunga para o Prêmio Hans Christian Andersen - IBBY



1984

FNLIJ recebe Menção Honrosa do Prêmio de Alfabetização da UNESCO pelo projeto Ciranda de Livros

ra, e quando comecei a ilustrar bastava-me dar forma gráfica a algum momento do texto. Aos poucos, fiquei mais exigente. Sobretudo para os contos de fadas, procuro uma ilustração não narrativa, que não “reconte” o que está escrito, mas que funcione apenas como um aceno, um toque para estimular o imaginário. Pudessem, eu só faria vinhetas. Mas, é claro que, livros para crianças podem precisar de mais que isso. E, é claro que, os álbuns para os bem pequenos e quase sem texto vivem da ilustração, mas eu não faço álbuns. A ilustração nos livros para adultos, que teve uma bela escola no Brasil do século passado, praticamente deixou de existir.

Como representante do IBBY no Brasil, cabe à Fundação a organização e divulgação da produção literária brasileira para crianças e jovens com a coordenação do estande brasileiro na Feira de Bolonha, na Itália. Como você vê a divulgação da produção brasileira neste segmento no exterior?

Como você avalia a realização deste trabalho pela FNLIJ?

É fato que divulgação da produção literária, sobretudo no exterior, depende de dinheiro e de vontade política. A cultura – e com isso qualquer um dos seus segmentos – sempre foi imposta pelos mais fortes e pelos que mais acreditam nela como representação da identidade nacional. Não me parece ser o nosso caso. Nosso trabalho tem que ser feito com recursos arrancados da boca da surucucu e vencendo um tradicional descaso governamental. Mas assim mesmo tem sido feito, e não apenas em Bolonha, mas nos congressos, nas feiras mundo afora, onde a Fundação se faz presente, levando a nossa bela literatura para crianças e jovens.



André Neves

Em seu trabalho como ilustrador, uma de suas preocupações é desenvolver novas técnicas de ilustração. De que maneira novas propostas ilustrativas podem se tornar um diferencial na atração das crianças pelo livro?

Minha preocupação como artista é apenas criar e recriar. É uma busca constante

de inovação para superar uma insatisfação pessoal relacionada à parte plástica do meu trabalho. Faz parte do processo artístico. Nos livros esse trabalho está relacionado a uma leitura de imagens, página a página, constante. Para isso, antes de tudo, é preciso uma narrativa visual coerente com o que o livro propõe e com o imaginário do criador. Isso possibilita ao leitor ampliar as interpretações, além de auxiliar a compreensão de novos códigos e a articulação entre o visual e o escrito e, principalmente, abrir espaço no campo imaginário do leitor.

Nascido em Pernambuco, você morou por alguns anos em São Paulo e hoje vive em Porto Alegre. Como você lida e traz para o seu trabalho as diferenças culturais brasileiras? O livro é uma maneira para as crianças aprenderem desde cedo a lidar com a variedade cultural? De que forma?

Isso se reflete naturalmente e tem contribuído de forma híbrida no meu trabalho. Temos uma cultura rica e diversa. É bom sentir nos livros brasileiros nossas cores, nossas formas, nossa alegria e criatividade. Ler é buscar uma compreensão maior do mundo, percebendo também com naturalidade e simplicidade os valores. É mais fácil aprender, qualificar, criticar e compreender a vida respeitando as diversidades.

A FNLIJ completa 40 anos e o Salão, 10. Qual a importância desta instituição para o segmento de livros infantis e juvenis? De que maneira a Fundação ajudou a dar visibilidade para o seu trabalho? Por fim, qual a importância de participar de uma vitrine como o Salão?

O Salão do Livro é o melhor evento relacionado à literatura para jovens. Poder participar é ir de encontro a uma produção contemporânea e constante no país. Lá está a melhor parte da produção nacional. Como profissional é válido pela experiência, conhecimento e divulgação de projetos. Como leitor é ainda melhor: é entrar num mundo mágico. Claro, a FNLIJ é parte importante nesse processo. Não só pela grandiosidade do evento, mas e principalmente por ser uma instituição que seriamente busca incentivar a leitura de várias formas.



Bia Hetzel

Você tem alguns livros premiados pela FNLIJ. Como você avalia a análise realizada pela Fundação? Qual a importância deste trabalho desenvolvido pela Fundação e de ter seus livros reconhecidos pela instituição?

Respeito muito o trabalho de análise e crítica realizado pela Fundação e

estou sempre atenta às suas seleções e premiações para aprender com o time de craques que são os votantes da FNLIJ. Lembro que, quando publiquei meu primeiro livro para crianças, ainda desconhecendo o universo profissional da literatura infantil e juvenil, foi com grande surpresa que recebi o primeiro selo “Altamente Recomendável” e outros prêmios que o livro também ganhou. Eu tinha 26 anos na época. Foi maravilhoso não só receber esse estímulo para prosseguir em uma atividade que eu havia começado sem grandes pretensões, mas também descobrir que existia uma instituição sólida, com tantos anos de existência, baseada em princípios éticos e de cidadania, mantida pelos esforços continuados de um grupo de pessoas unidas pelo ideal da educação aliada à cultura. Não tive dúvidas: mergulhei de cabeça na produção de novos livros. E assim surgiram diversas oportunidades de participar de projetos da FNLIJ e de ter contato com sua equipe. Lembro do Ateliê do Artista, de diversas palestras e seminários, e do Salão, do qual participo desde a primeira edição. Os prêmios da fundação são maravilhosos, mas as atividades que aproximam os autores de seu público também são fundamentais para nos estimular e aperfeiçoar. Ao longo dos anos, continuei e continuo crescendo

profissionalmente com o apoio e estímulo da instituição e vejo o mesmo acontecer com vários escritores e ilustradores da minha “safra”. A importância, portanto, da FNLIJ para o meu trabalho é significativa.

Além de autora, você é também editora da Manati. Quais os critérios devem guiar o(a) editor(a) na seleção de títulos para publicação?

Editar um livro é como receber em confiança o filho de outra pessoa para cuidar e fazer com que ele cresça. Os autores são sócios da editora em cada livro, que é como um projeto especial dentro da empresa. Então, no meu entender, o primeiro critério na seleção de novos títulos para publicação é a empatia com a proposta do autor e uma grande afinidade com seus objetivos. Inúmeras vezes, um original é excelente, mas não é o que a editora procura ou sabe trabalhar comercialmente. Então não adianta tentar um casamento, uma sociedade, e é mais correto abrir mão do projeto. Não basta apenas produzir um livro, temos de fazer com que ele ganhe vida para alcançar o seu público. Colocar um filho no mundo é fácil, o difícil é fazê-lo crescer com saúde e com afeto. Para selecionar um título para publicação, além de saber reconhecer um trabalho de qualidade, seja ele literário ou gráfico, o editor deve também conhecer a sua própria habilidade e competência para fazer com que esse original ganhe vida comercial.

O Salão do Livro para Crianças e Jovens comemora 10 anos em 2008. O evento é hoje o principal do país no gênero. A que você credita o sucesso do Salão? Para as editoras e para os autores, quais oportunidades o Salão oferece?

Sem dúvida o grande sucesso do Salão resulta da sinergia entre a FNLIJ, os autores, os editores, os parceiros e os patrocinadores. Confiantes na curadoria e na capacidade de administrar o evento da Fundação, os editores e patrocinadores investem cada ano mais no Salão. Pelo mesmo motivo, especialistas de outros países comparecem e trazem exposições e autores. A parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro também é fundamental. Por outro lado, em resposta ao apoio continuado que sempre recebem da instituição, autores de todo o Brasil aceitam o convite para participar dos encontros com os leitores. A Fundação é o grande amálgama entre a qualidade e o sucesso do evento.

No meu entender, o Salão oferece uma oportunidade única tanto para os profissionais da área — editores e autores — quanto para o público interessado — crianças, jovens, pais, professores e educadores — para se ter contato com o que há de melhor na produção nacional de livros para crianças e jovens. Com a grande quantidade de lançamentos do mercado brasileiro, com o nosso infelizmente ainda pequeno número de bibliotecas e livrarias, só mesmo no Salão é possível encontrar tudo o que de melhor está em catálogo nesse segmento do mercado editorial. Nenhuma outra feira nacional traz essa oportunidade. No Salão, a leitura e a apresentação dos livros são o fundamental, e a curadoria faz toda a diferença, pois não há, por exemplo, queima de estoque de livros “encalhados” ou outros apelos comerciais que mais afastam

1987

Desenvolvimento da pesquisa *Por uma Política Nacional de Leitura*, financiada pela FINEP • Realização de projetos de mini-bibliotecas em comunidades carentes com o apoio de empresas por meio da então recém criada Lei Rouanet • Projeto de bibliotecas em hospitais do INAMPS • Projeto *Viagem da Leitura*, para Bibliotecas Públicas, em parceria com a Fundação Roberto Marinho, patrocinado pela Cia Ripasa



1991

Apresentação à Fundação Biblioteca Nacional da proposta de criação de um *Programa Nacional de Incentivo à Leitura*, instituído em 1992 com a sigla **Proler**

do que aproximam o público do livro. Além disso, a oportunidade de se esbarrar com grandes autores e editores em cada esquina do pequeno pavilhão até dispensa comentários.



Ruth Rocha

A senhora acaba de ser eleita para a Academia Paulista de Letras. De que maneira a senhora pretende levar para a academia a discussão sobre a importância do investimento em políticas públicas para tornar o Brasil um país de leitores?

Eu acredito que a literatura ensine como obra de arte. Ela ensina a sentir a arte, que é um aprendizado difícil, mas que preenche no usuário uma necessidade indispensável. É importante que os pais estimulem as crianças pelo exemplo da leitura, os pais têm 100 por cento de responsabilidade. Já a escola, embora a matemática não feche, também tem 100 por cento de responsabilidade sobre os hábitos da leitura, na manutenção das bibliotecas, na capacitação dos professores, incluindo nessa capacitação o conhecimento dos livros que existem para as crianças, para que não indiquem os livros errados que as crianças odeiam e são obrigadas a ler. É assim que se formam leitores realmente interessados. Educar as crianças é cuidar do todo, não só da educação formal, mas também da sensibilidade, da criatividade, da formação do caráter e do gosto pela arte. Há muitos meios para fazer isso, mas o principal é que os professores realmente leiam e selecionem os livros não pelo que os outros dizem, mas pelas suas próprias emoções. Cabe à escola fazer com que as crianças convivam com os livros, que sejam expostas a eles. Já que falamos em matemática cabe ao governo 100 por cento de responsabilidade por todo o problema da educação e, portanto, todo o problema da leitura. É nisso que acredito e, por isso, eu tenho trabalhado em todas as empreitadas em que me incluo.

A FNLIJ defende a importância de se promover o acesso a livros de literatura desde a infância. Qual a importância do livro de ficção para o desenvolvimento intelectual de crianças e jovens?

O livro alarga os horizontes, estimula a imaginação, dá noção da realidade mesmo quando é ficcional, porque o bom livro tem seqüência, tem consequência e tem um desenvolvimento lógico. O bom livro educa artisticamente, educa o caráter, estimula a busca do conhecimento, mas tudo isso pelo que ele tem de mais artístico. O livro pode ser educativo, sendo literário, mas isso nem sempre é curricular, nem sempre serve diretamente aos currículos. Mais uma vez é importante lembrar (Monteiro) Lobato que dizia que a gente deve tomar cuidado para não vacinar as crianças contra os livros para sempre.

Como avalia os 40 anos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil? Quais considerações a senhora tem a fazer sobre o papel pioneiro de nomes como os de Laura

Sandroni, Ruth Vilela dos Santos e Maria Luisa de Oliveira em criar mecanismos de incentivar a leitura de crianças e jovens no Brasil?

O papel da Fundação na disseminação do gosto pela leitura tem sido muito importante. Mas nenhuma entidade se movimenta sozinha. São as pessoas que fazem andar qualquer tipo de associação. Os nomes citados na pergunta foram imprescindíveis para que a fundação tenha feito o que fez. Mas devemos lembrar ainda de Elizabeth Serra, cujo trabalho incansável a alinha entre as pioneiras, sem nenhuma dúvida.



Luiz Antonio Aguiar

Como membro da Diretoria da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ), quais as ações necessárias para tornar as crianças brasileiras verdadeiras leitoras?

Temos ações em mais de uma direção. Uma delas são as propostas para a formação continuada de professores, como leitores, que temos encaminhado junto com a FNLIJ. Outra é a atuação junto à Câmara Setorial do Livro, Leitura e Literatura, que acaba de aprovar a realização de um Fórum Nacional sobre Literatura nas Escolas, proposta da AEILIJ, quando vamos discutir estratégias de democratização da literatura no Brasil.

Qual a sua percepção da literatura produzida hoje no Brasil?

A literatura infantil e juvenil é de excelente qualidade e precisa cada vez mais desenvolver uma interlocução com seu público, as crianças e jovens, revestindo-se da autonomia literária, própria da literatura como um todo, que lhe permita desobrigar-se de penduricalhos que a enfraquecem, como todo o proselitismo, seja político, didático, religioso, cívico ou outro qualquer. A literatura precisa se aproximar cada vez mais do seu leitor. Mas temos uma vocação que nos permite isso. É nosso carisma - uma ligação de cumplicidade com nossos leitores, que vem de nosso inspirador, Monteiro Lobato.

Ao longo destes 40 anos, a FNLIJ participou de projetos importantes de incentivo à leitura, reconhecidos nacionalmente e mesmo fora do país, como a Ciranda de Livros e o PROLER. Qual a importância de iniciativas como estas?



Sempre e sempre, trazer mais crianças e jovens para desfrutarem de experiências diretas com a literatura. É o que pode de fato gerar leitores.

Claudio Martins

A FNLIJ completa 40 anos neste mês de maio e o Salão chega a sua décima edição. Como você avalia o papel da Fundação em projetos de

incentivo à leitura no Brasil? Qual o papel do Salão para incentivar o interesse das crianças pela leitura?

A minha relação com a Fundação é de descoberta. A FNLIJ me descobriu, levou meus livros editados para feiras internacionais, para eventos locais de literatura, para o seu próprio Salão, me deu prêmios, me indicou para outras premiações, me tratou com excepcional carinho. Sou, entre poucos no mundo, um cara que tem uma mãe muito mais nova e para a qual peço a bênção. A segunda vertente desta descoberta é a do outro lado, o do descobridor. Descubri a FNLIJ há bastante tempo, pelo Ziraldo, que me mandou para lá fazer contatos, me infiltrar na área e ver se eu aprendia alguma coisa. Deste ponto de vista, eu posso deduzir com facilidade o que é o descobrir a Fundação por uma leitor, por um menino que, participando de eventos, programas, feiras, concursos, incentivos e tantas e tantas coisas mais, se sente abrigado, participante e praticante de um universo que nem sempre a escola ou pai e mãe podem ofertar. A FNLIJ pode não ser o órgão formal de governo, pode não ser o braço institucional oficial, a central acadêmica representativa ou uma instância de Estado. Ah!, mas é uma espécie de *Marselhesa*, o hino escolhido por nós, o que nos atrai e nos fornece simpatia. É isso! A FNLIJ é uma simpatia.

Você já foi citado na lista de honra do IBBY, por duas vezes ganhou o Prêmio Jabuti e teve o título “Eu e Minha Luneta” eleito pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil como melhor livro do ano em 1992. Qual a importância de ter seu trabalho reconhecido pela FNLIJ?

A Fundação, além do que já disse, quando nos promove, alavanca um livro, um projeto. E assim, acima de tudo, alavanca idéias. E como uma idéia puxa outra, deve-se muito a ela um conceito e uma prática importantes, de qualidade, do que seja a literatura infantil no Brasil. O Salão me surpreendeu muitas vezes. Eu já sabia o que esperar, mas chegava lá e a coisa estava voando mais alto. Não é um Salão. É um balão.

Do ponto de vista do autor, eventos como o Salão FNLIJ podem gerar que tipo de resultados?

Pode promover e muito um livro, uma editora, uma idéia. Mas antes de tudo, dá um orgulho danado. Bênção, de novo!

Nelson Cruz

Um dos pontos cruciais no trabalho desenvolvido pela FNLIJ é servir como panorama de qualidade para a produção literária para crianças e jovens. Como você vê o desempenho desta difícil tarefa de avaliar o livro infantil e juvenil em suas mais importantes vertentes?

A sistemática adotada pela FNLIJ para avaliar a qualidade dos livros produzidos no Brasil tem dado ótimos resultados. Principalmente, no que se refere ao surgimento de autores novos, a investida de ilustradores enquanto autores. Essa sistemática de



1994

É a responsável pela curadoria da exposição e do catálogo para a Feira de Frankfurt, quando o Brasil foi o país homenageado • 1º Concurso *Melhores Programas de Incentivo à Leitura para Crianças e Jovens*

1995

Organização da presença do Brasil, como país homenageado, na Feira de Bolonha, na Itália

1997

Projeto *Ateliê do Artista* - em parceria com a EMC, empresa de marketing, patrocinado pelo jornal O DIA. O projeto inspirou anos depois o projeto “Literatura em Minha Casa”, do MEC

1999

Criação do *Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens*. O Salão FNLIJ é hoje referência no setor e o mais importante realizado no Brasil



ter votantes espalhados pelo país facilita a tarefa de escolha dos melhores livros em todas as categorias.

Com a pouca valorização da cultura escrita e supremacia da imagem na cultura do Ocidente, como o livro pode se tornar um atrativo para a criança e o jovem brasileiros?

Com a produção de livros existente na atualidade não concordo com a afirmação de que há supremacia da imagem sobre a escrita. Basta entrar numa livraria para se comprovar isso. O que ocorre é que o desenvolvimento da comunicação através da imagem sofre uma evolução muito rápida com as novas tecnologias e isto pode confundir algumas pessoas. A meu ver, a imagem, seja ela qual for, terá seu texto criado pelo leitor que para assimilar e se apropriar do conteúdo imagético, enquanto informação, terá que ter um histórico de leitura e escrita. Agora, sobre a pergunta de como o livro pode se tornar um atrativo para a criança e o jovem brasileiros? Há algum tempo tomei a decisão de não mais dar dinheiro nos cruzamentos. Ao invés disso coloquei livros no carro e ofereço um exemplar para quem quer que seja. Tenho observado como que a oferta do livro desconcerta e imediatamente transforma os pedintes em leitores. Todas as vezes que uma criança ou adolescente recebe o livro ele vai para a calçada e folheia-o para ver do que trata aquele livro. Por essa experiência pessoal vejo que em qualquer classe social o livro permanece atrativo. As políticas públicas e seus responsáveis é que devem funcionar com competência e compromisso para que os livros cheguem a todas as classes sociais, principalmente, às classes assalariadas.

O Salão FNLIJ chega ao seu décimo ano reunindo os principais nomes ligados ao gênero no Brasil e é hoje reconhecido como o mais importante evento deste segmento no país. Você acredita que este tipo de iniciativa deveria ser reproduzido em outros centros nacionais? De que maneira o Salão ajuda a promover a literatura brasileira?

O Salão da FNLIJ forma, ao lado de outros eventos como as bienais, um elo dos mais importantes na divulgação do livro pelo país. Não se pode esquecer os programas de leitura e as doações para formação de bibliotecas realizadas pela FNLIJ. Essas ações, certamente, conduzem à promoção da literatura. O evento também é o espaço da imagem e da ilustração, mas essa vertente do livro infanto-juvenil ainda não é suficientemente explorada. Acredito que - se a FNLIJ vier um dia a criar um Salão de Ilustração, acoplado ao do livro - esse outro elo existente no livro infanto-juvenil, que é a natureza do Salão, se fecha e se completa. Parabéns a todos da Fundação.

Luiz Raul Machado

Você escreve livros infanto-juvenis desde 1974. Nesses 34 anos, o que teve que mudar na linguagem direcionada a este

público? Quais técnicas utiliza para não deixar morrer nas crianças e jovens o interesse pela leitura? E como a FNLIJ contribui para essa empreitada?

Não acho que tenha mudado muito a linguagem dos meus poucos livros ao longo do tempo. Às vezes releio meus textos antigos e acho que mudaria pouca coisa. O grande desafio é fazer o melhor possível. A criança deve receber o melhor do escritor. Isso inclui a busca da simplicidade, que é sempre difícil. Sobre a segunda pergunta, a FNLIJ é referência fundamental para o trabalho do escritor. Suas publicações, seus prêmios, seus cursos, seus encontros são a casa de quem escreve para crianças.

Seus livros frequentemente deixam o leitor com a “pulga atrás da orelha”, despertando questões sem dar explicitamente as respostas. Qual o motivo dessa “estratégia”?

Acho que o leitor pode ser cúmplice do escritor e este deve deixar espaço para o pensamento de quem lê, deve provocar a curiosidade e - quem sabe - convidar para uma releitura que garanta novas surpresas.

O prêmio FNLIJ começou a ser concedido em 1974, mesmo ano de sua estréia como autor. O reconhecimento de sua obra é um estímulo à sua produção literária?

Em 1995, você foi agraciado com o prêmio na categoria jovem, pelo livro “Chifre em cabeça de cavalo”. Qual a importância do prêmio para a sua carreira?

Sinceramente, não dou excessiva importância a prêmios. Mas não vou ser hipócrita: sinto-me orgulhoso de ter meus livros na lista dos “altamente recomendáveis” da FNLIJ e de ter ganhado “o melhor para o jovem”, com “Chifre em cabeça de cavalo”. Sinto-me honrado principalmente em fazer parte de um elenco que, em sua grande maioria, reúne autores e ilustradores de minha predileção. Algumas editoras incluem na capa ou na folha de rosto a informação de que o livro foi premiado e isso certamente aumenta o prestígio das obras.



Luciana Sandroni

Seu trabalho final da faculdade de Letras foi sobre Monteiro Lobato e o prêmio Jabuti que recebeu foi com o livro “Minhas memórias de Lobato”. Este mesmo autor será homenageado

edição deste ano do Salão do Livro. Não há dúvidas da genialidade da obra de Monteiro Lobato. Mas hoje, num mundo que também oferece games e desenhos animados superproduzidos, qual é a importância das histórias de Monteiro Lobato para o público leitor em formação?

Creio que continua tendo a mesma importância que há 40 anos. O fato de a criança de hoje ter mais opções de lazer, computador, televisão não faz dela menos criança, menos criativa. Ela continua jogando bola, andando de bicicleta e... lendo. É só oferecer o livro para ela. A criança é criadora por natureza, mas

ela precisa de um estímulo, um incentivo, que vem do adulto. Se este adulto não lê, será muito difícil esta criança tornar-se leitora. A criança vai repetir o modelo.

Ler um livro não é fácil. É realmente mais trabalhoso do que ligar a TV e ver um desenho. É preciso estímulo. O hábito da leitura em casa e oferta de livros para as crianças são atitudes fundamentais. O que acontece é que o livro não está na mídia, mas está na escola. Monteiro Lobato é muito lido, por mais que a gente ouça o contrário. É claro, seria muito mais lido se tivesse filmes e peças adaptadas das obras dele. Isso aconteceria também com outros autores, como Machado, Rosa, Clarice. Quando o programa do Sítio do Picapau Amarelo ou uma minissérie do Rubem Fonseca estão no ar esses autores são mais lidos e procurados, por que a TV ajuda a divulgá-los e a família e a escola deixam de ser os únicos a falar que ler é bom.

A personagem Ludmila, ou Ludi, é uma presença constante em suas obras, como em “Ludi na Revolta da Vacina”, “Ludi na TV” e “Ludi vai à praia”. Quase todas as situações vividas pela personagem estão ligadas a algum fato que realmente aconteceu. Qual o motivo da perpetuação desta personagem, e por que ligá-la ao “mundo real”?

A Ludi é uma personagem carioca e vive aventuras na nossa cidade. Ela é muito inspirada no Sítio do Picapau Amarelo. Ludi é bem Emília e seus pais, dona Sandra e seu Marcos, são bem parecidos com dona Benta, enquanto a Margarida é totalmente tia Nastácia. Na carona do Lobato, optei por fazer histórias baseadas na realidade como ele fez nos livros: em “A chave do tamanho”, ele fala da Segunda Grande Guerra e em “Poço do Visconde” trata da questão do petróleo no Brasil. São livros nos quais a fantasia e o humor transformam a realidade. Então a Ludi já limpou a Baía de Guanabara, já entrou na TV, “avacalhou” com os programas e novelas, já participou da Revolta da Vacina e agora está recebendo a família real. É difícil não trabalhar com a realidade. Ela realmente me instiga.

Você estava na faculdade de letras quando o Brasil ainda vivia a ditadura militar. Na época, você fazia parte do grêmio estudantil e escrevia para o jornal do órgão. Em meio a tantos conflitos políticos, como se interessou – e optou – pela literatura infanto-juvenil? O convívio desde a infância em função de seu parentesco ajudou a despertar o amor pela literatura?

Na época em que eu estava no ginásio, em 1978/79, havia um movimento geral da sociedade pela volta da democracia, mas havia também militares de extrema direita que não queriam a abertura política. Houve bombas como a da OAB e a do Riocentro. Então participei de algumas manifestações. Meus irmãos eram mais engajados, mas eu trabalhava muito no grêmio estudantil do São Vicente, um colégio que na época estimulava muito a solidariedade e a consciência crítica do aluno. Eu escrevia poesia nesse tempo. Fui me interessar mais

2000

Indicação vitoriosa da escritora Ana Maria Machado para o Prêmio Hans Christian Andersen • Lançamento do site da FNLIJ



2001

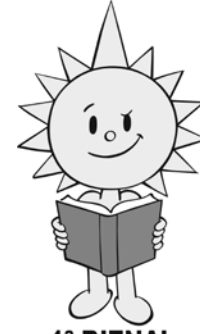
1º contrato com o Instituto Ecofuturo, da Cia Suzano, para execução do projeto Bibliotecas Comunitárias Ler é Preciso, com a instalação de 10 unidades



Ler é Preciso

2005

1ª Bienal do Livro Infanto-Juvenil de Nova Iguaçu, organizada pela FNLIJ, para a Prefeitura deste município



1ª BIENAL DO LIVRO INFANTO-JUVENIL DE NOVA IGUAÇU

por literatura infantil na faculdade de Letras. Já conhecia Lygia Bojunga pela minha mãe, que fazia a tese de mestrado dela na época, mas fui ler com mais interesse os autores de literatura infantil na faculdade e quando fui trabalhar na Biblioteca Manuel Lino Costa, com a Marina Quintanilha. Lá conheci Fernanda Lopes de Almeida, Silvia Orthof, Ana Maria Machado, Ziraldo, Ruth Rocha e, se você for analisar esses livros são extremamente políticos ou tratam de uma mudança ou ainda de alguém que pensa diferente. Todos têm uma bandeira “Lobadiana” de se posicionarem contra ao que está estabelecido. A Ludi também carrega essa bandeira. O convívio com meu pai, Cícero Sandroni, que é jornalista e escritor, e com a minha mãe, Laura Sandroni, especialista e fã ardorosa de Lobato, contribuíram decisivamente para eu ser leitora e escritora. O meu colégio e os meus professores também me incentivaram muito.



Luciana Savaget

Seu livro “Operação resgate em Bagdá: A batalha do invisível” foi muito elogiado no Brasil e é a primeira obra de um autor brasileiro, infantil e juvenil, publicada na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. A que você atribui

o sucesso da história? Por que a escolha deste tema, árduo muitas vezes até para adultos? Acha importante que o público se familiarize com os conflitos que acontecem no mundo desde cedo? Por quê?

Em “Operação resgate em Bagdá”, eu exercito as minhas duas profissões: a de jornalista e a de escritora. O livro fala da realidade e do anseio em se resgatar a fantasia, os personagens lendários como Sherazade, Aladim e sua lâmpada, que ficaram esquecidos nos escombros da guerra do Iraque. O resgate do sonho, talvez esse tenha sido o grande sucesso da história. “Operação resgate em Bagdá” só tem me trazido alegrias: está na terceira edição aqui no Brasil, o livro foi também publicado no México, na Colômbia, na Argentina e agora na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Por causa dele fui convidada a visitar o Oriente Médio, tive a oportunidade de ver de perto a crueldade de uma guerra e toda violência que envolve uma disputa territorial. Conheci o que é “ódio” e seus efeitos lastimavelmente tristes. Mas também conheci o sonho, o sonho por uma liberdade, o sonho de se acabar com o medo. A minha viagem deu outros frutos bons, além da publicação em árabe, nasceu “Operação resgate na Jordânia”, que eu acabo de lançar e vou apresentá-lo no Salão da FNLIJ.

Você já foi responsável pela programação infantil de uma grande rede de tevê. Você acha que a tecnologia hoje rivaliza com a leitura na disputa pela atenção das crianças? Como a tevê poderia incentivar o hábito de ler? E qual a sua opinião sobre a adaptação de clássicos infantis para

esta mídia?

Sim, eu fui responsável pela programação infantil numa época em que a tecnologia ainda não tinha se popularizado. Não acho que a tecnologia rivaliza com a leitura. Cada arte e cada veículo de comunicação têm a sua linguagem específica, a questão é fazer com que elas se complementem e não se rivalizem. Esse é o desafio do artista, do comunicador, do educador, do escritor. A televisão tem dado mais espaço à leitura do que antigamente, hoje se vê mais campanhas publicitárias e programas dedicados ao livro. Quanto às adaptações dos clássicos para a televisão, sem dúvida aguça a curiosidade e incentiva a leitura. É importante dizer que a responsabilidade da leitura depende não só da televisão, mas da escola e da família. Cada um tem um papel primordial na educação.

Você já declarou que as histórias que escreve refletem tudo que viveu na infância e que hoje a incentiva a continuar sonhando. Qual o papel dos livros infantis para a formação de futuros adultos? E qual a importância de instituições, como a FNLIJ, que buscam indicar os melhores livros para os pequenos leitores?

Se sou escritora e jornalista hoje, devo aos livros que li quando criança, sempre incentivada por minha mãe, uma leitora feroz. Como escreveu Marllamé: “No fundo o mundo é feito para acabar num belo livro”. Costumo sempre dizer que a Fundação com o trabalho incansável das formiguinhas obreiras tem um papel primordial na valorização do livro para crianças e jovens. Antigamente o que escrevamos era classificado pelo “inho”, livrinhos, historinhas. Se hoje ganhamos o status de “Literatura”, no maiúsculo mesmo, vem muito do trabalho que a Fundação tem feito ao longo desses 40 anos.



Eva Furnari

Você nasceu em Roma, mas chegou ao Brasil ainda criança. Este ano, a Itália é o país homenageado do Salão. Esta edição deve mexer ainda mais com seu lado emocional por conta disso?

Participar do Salão e ter contato com ilustradores italianos é uma oportunidade rara e com certeza uma grande alegria. Meu maior contato com a literatura italiana foi na infância, ao ler as deliciosas aventuras de Pinóquio, de Carlo Collodi, um dos mais tradicionais escritores de literatura infantil na Itália. Esse exemplar era um livro maravilhosamente ilustrado, trazido pela família, e, sem dúvida, permaneceu indelével na minha memória. Havia também outra ligação com a produção italiana para jovens e crianças que era o famosíssimo “*Corriere dei Piccoli*”, um jornalzinho muito popular, vendido também aqui no Brasil para a colônia italiana. Acredito que as ilustrações e histórias desse jornal tenham influenciado bastante o meu trabalho.

Você é formada em arquitetura. Como foi mudar dos traços rígidos para os desenhos lúdicos? E como este título acadêmico influenciou suas criações para o público infanto-juvenil?

Quando entrei para a faculdade de Arquitetura, eu já desenhava há muito tempo e, além do mais, formei-me pela FAUUSP, uma faculdade que privilegiava a liberdade, a criação artística e o lado lúdico dos projetos arquitetônicos e visuais. Por isso, posso dizer que, ao cursar essa escola, não me deparei com um mundo acadêmico rígido e formal.

No início de sua carreira, você publicou histórias sem texto, contadas apenas por imagens. Como fazer apenas imagens narrarem fatos? Que técnica usava? E hoje, como vê nos livros a relação entre textos e ilustração?

Eu comeci a fazer histórias sem texto na faculdade, como uma brincadeira. Até chegar a publicá-las, houve um longo processo intuitivo e autodidata. Contar uma história usando somente recursos visuais é algo bastante aberto, que não tem regras fechadas ou técnicas específicas. Apesar disso, podemos afirmar que há alguns aspectos importantes que costumam estar presentes em quase todos os livros de imagem: a expressividade dos desenhos juntamente com uma narrativa lógica bastante estruturada. Quanto à interação entre texto e ilustração, acredito que a sintonia entre os dois é algo fundamental. Num bom livro essa afinidade se dá em vários aspectos: na fidelidade dos desenhos à história contada, na concordância entre as duas linguagens na expressão subjetiva e emocional, isto é, no clima predominante e ocasional da narrativa (drama, humor, mistério, etc.) e, por fim, é conveniente também que ambas se destinem à mesma faixa de idade.

Graça Lima

Você já ganhou vários prêmios por seu trabalho, inclusive alguns agraciados pela FNLIJ. Qual a importância deles na sua carreira?

Faço meu trabalho focando apenas o melhor resultado para cada situação gráfica. A importância do prêmio é evidenciar e reconhecer um trabalho. Desta maneira, o fato de ter recebido vários prêmios contribuiu para divulgar meu trabalho e me dar respeitabilidade.

Você também possui trabalhos publicados em diversos países. Você nota diferenças na percepção do seu trabalho entre as crianças de outros países? A cultura em que elas estão inseridas influencia a “leitura” da imagem? Já teve que adaptar alguma obra?

As crianças estão normalmente aptas para ler imagens sem preconceitos. Elas apreciam diferentes modos de representação, porém em cada cultura há um repertório de imagens e mo-



2006

1º Curso Leitura, Literatura e Formação de Leitores para 900 professores da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. • 1º Natal com Leituras na Biblioteca Nacional realizado em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional e com o apoio do Instituto C&A.

2007

Projeto Literatura para Crianças e Jovens no Brasil (1ª fase), para implementação da Biblioteca da FNLIJ, patrocinado pelo Programa Caixa de Adoção de Entidades Culturais logo projeto • 2º Natal com Leituras na Biblioteca Nacional realizado em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional e com o apoio do Instituto C&A.

2008

Projeto Literatura para Crianças e Jovens no Brasil (2ª fase), patrocinado pela Petrobras

• 40 anos da FNLIJ



dos de composição e isto é sempre mantido pelas editoras de cada país. Na Europa, o tipo de publicação que produzem tem traçados e cromatismos diferentes dos nossos. Há uma linguagem local. As cores e a organização gráfica que temos no livro infantil brasileiro é bastante peculiar de tempos para cá e, às vezes, não é bem recebido pelos editores estrangeiros, uma vez que querem perpetuar o tipo de representação de sua própria cultura e difundi-la ao máximo. Quando trabalhamos para fora do país há um direcionamento do trabalho. Os editores dizem como querem os desenhos e fazem restrições a algumas formas ou mesmo ao design gráfico que se pretende.

Você estudou na Escola de Belas Artes da UFRJ, e queria ser pintora de murais. Como surgiu o interesse pelas artes gráficas?

Eu descobri que arte mural no Brasil praticamente não existia. Alguns grandes nomes da pintura tinham se expressado em murais, mas eram muito poucos, porque envolve patrocínio para a realização da obra e isto não era fácil. Hoje os grafiteiros tomaram na marra este tipo de representação. Fui fazer comunicação visual porque comecei a desenhar para produtos infantis.

Nos livros infanto-juvenis, texto e ilustração têm o mesmo peso. Qual a importância de essas duas formas de expressão estarem unidas nos livros?

As duas linguagens se entrelaçam formando uma narrativa mais rica, com possibilidades de leituras mais abrangentes.



Roger Mello

Você tem uma carreira marcada por ilustrações que contam histórias de lendas e do folclore nacional. Você acredita que o acesso das crianças a todos os tipos de livros e brincadeiras acaba por distanciá-las dessa cultura popular? Qual a importância desse resgate ainda na infância?

Sempre gostei muito de artistas como Nhô Caboclo, Nino, Noemisa e outros tantos que contam histórias por meio de suas esculturas, seus matizes e sua inventividade doída, festiva, sublime. O folclore sempre me impressionou. Lembro que quando criança, eu tinha medo de bonecos como os cazumbás e as máscaras peludas de participantes da Folia de Reis. O medo era, na verdade, uma curiosidade envolta numa atmosfera de “perigo”, era puro fascínio. Eu via homens e mulheres adultos se fantasiarem como seres fantásticos, usando máscaras, se enfeitando, assumindo outras personalidades em figuras conhecidas como brincantes. O “fazer de contas” do brincante que se repete a cada ano nos folguedos populares é muito semelhante ao que deseja o artista ligado às narrativas verbal e visual: uma busca pela experiência humana através da simulação, do medo, da curiosidade, do transe. Gosto de tentar ter acesso aos arquétipos brasileiros, afinal de contas, pode-se afirmar que as tradições greco-romanas também tenham se constituído como folclore nos seus lugares de origem. Mas, antes de tudo, a cultura popular é pura dinâmica, incorporando quase sempre elementos atuais. Sua ligação com a infância é sua própria essência.

No início da sua carreira, você trabalhou com Ziraldo, reconhecidamente um dos gênios da atualidade. Como foi a experiência? O que aprendeu com ele?

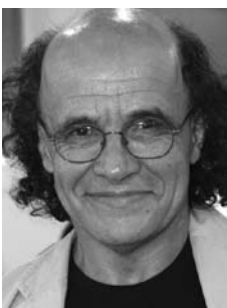
Ver Ziraldo desenhar já é uma aula! Sua criação é um ato intenso, apaixonado, amoroso. Da primeira vez que vi Ziraldo criar ao mesmo tempo em que cantava, entendi que um processo cheio de som e fúria também podia gerar o sublime. Ziraldo é realmente um gênio. Em todos os sentidos e em tudo o que

faz. Pela capacidade de se reinventar, de estar em constante movimento. Seu traço inconfundível acaba com a diferença entre moderno e contemporâneo. Inaugura uma outra dimensão, a da invenção pura. Ele zomba das regras e das escalas de cor. Seus desenhos e suas histórias fazem a gente olhar para si mesmo outra vez, mas nunca da mesma maneira. Ou pelo menos, meio desconfiados. Mesmo aquele sujeito engravatado e carrancudo, que ele desenha aos milhares, criança de todo. Ziraldo sabe falar a língua secreta dos bichos e das crianças, dos astronautas e dos políticos. É um pirotécnico, um artista polivalente que entende de todas as coisas. Quer ver outra coisa de gênio? Ziraldo adora ensinar. Aprendi com ele a olhar pro quadro do Morandi e perder o fôlego. Aprendi que, por mais que um bicho pareça estranho, ele ainda pode ser estilizado. Aprendi tudo que sei, ah, e, inclusive, que a fruta-pão veio da Malásia e foi plantada no Brasil pra acabar com a fome. Será que existe algo mais importante para se saber?

Você também trabalha com animação e escreve peças para teatro infantil. Qual o papel de cada um desses meios de expressão artístico na formação da criança? Você elabora de forma diferente as histórias que vai contar de acordo com o formato utilizado? Existem histórias que não podem ser contadas em todos esses meios?

Algumas histórias são muito visuais, mesmo que não haja ilustrações. Da mesma maneira, um livro sem texto verbal pode falar pelos cotovelos. Os diferentes formatos narrativos, áudio-visuais, teatro ou livros, podem e devem se misturar. Gosto do gênero, por assim dizer, “impuro”, híbrido. É certo que cada suporte tem características próprias, mas, como um ávido leitor de livros de teatro, procuro transferir, por exemplo, uma solução cênica para uma ilustração ou para um desenho seqüencial. Seja qual for o meio, gosto muito de prestar atenção na maneira de criar das crianças. A criança é um ser plenamente narrativo, poético, teatral. Gosto muito de escutar as crianças. De ver como elas gesticulam e olham para o outro como se olhassem pra dentro de si mesmas. Acho que o teatro precisa aprender com as crianças, o cinema e os livros também.

Rogério Andrade Barbosa



Você é um dos membros do Conselho Consultivo da FNLIJ. Quais os critérios usados para classificar um livro como “altamente recomendável”? Quais foram as principais mudanças na forma de contar histórias para crianças nesses 40 anos que a Fundação acompanha o mercado de livros para o público infanto-juvenil?

O trabalho desenvolvido pela FNLIJ, ao longo dos últimos 40 anos, foi primordial para o crescimento da LIJ e, também, para uma campanha nacional de incentivo à leitura. Os prêmios concedidos anualmente pela FNLIJ priorizam aspectos fundamentais do livro infantil e juvenil, como o texto, a ilustração e o projeto gráfico - incentivando, assim, os autores e editores brasileiros a produzirem uma literatura de alta qualidade. O Salão do Livro Infantil e Juvenil, Seminários e Encontros por todo o Brasil e no exterior, além do catálogo, confeccionado para a Feira do Livro Infantil de Bolonha, são outros exemplos vitoriosos na longa caminhada da Fundação.

Você é ex-voluntário das Nações Unidas na Guiné-bissau, na África, e trabalha na área de literatura afro-brasileira. Quais os pontos de união dessas culturas no que diz res-

peito à literatura infanto-juvenil? Em quais aspectos as crianças brasileiras e africanas mais se diferenciam?

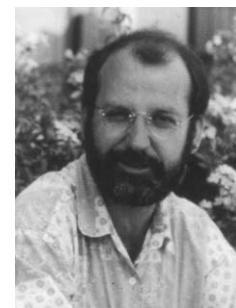
Os laços que unem o Brasil e a África são incontáveis. O principal ponto de união dessas culturas em relação à literatura infanto-juvenil é a oralidade. As crianças brasileiras e africanas são como outras de qualquer país, pois todas adoram ouvir e, também, ler histórias. A literatura, seja ela oral ou escrita, faz parte da vida de qualquer criança. Em localidades distantes, desprovidas de bibliotecas, aonde os livros chegam em canoas, bicicletas, ou no lombo de jegues e camelos, a festa é sempre a mesma. E, mesmo em sociedades que ainda não têm uma escrita, há sempre alguém que conta histórias, repassando antigos saberes.

Você já esteve em vários países como autor convidado e contador de histórias. Alemanha, México, Cuba, Colômbia, Itália e Suíça fizeram parte do seu itinerário. Assim como na área social, as crianças dos países em desenvolvimento possuem um tipo de percepção diferente das crianças das nações desenvolvidas no que diz respeito ao entendimento das histórias e aos focos de interesse?

Eu não vejo diferença alguma entre as crianças espalhadas pelo mundo. O que as difere, dependendo do local em que vivem, é o acesso às escolas, à leitura, enfim a uma verdadeira educação. A percepção e o interesse são os mesmos quando lêem ou escutam uma história.

Sérgio Caparelli

Suas histórias são marcadas por elementos característicos do Sul do país, mas não perdem a universalidade. O Sul já foi eleito como a região onde se fala o português mais correto no Brasil. Qual a diferença na formação das crianças desses estados? E como isso poderia se estender para o resto do país?



As pessoas adquirem marcas do lugar onde viveram. E eu vivo há quase 40 anos em Porto Alegre. Seria normal que essas marcas aparecessem em temas, cenários, e mesmo no linguajar. No entanto, a vida é movimento e esse movimento intervém nas marcas. Olhando para trás, descubro que meus primeiros livros no sul eram mineiros. Adquiriram certas tonalidades da luz daqui. E hoje, sem sair do sul, percebo que a luz dos campos gerais – sou de Uberlândia – vai se filtrando entre as palavras, temas e narrativas. Meus últimos dois livros de contos “Uma colcha muito curta” e “A queridinha da casa” traz muito do ambiente mágico do cerrado. Isso deve aparecer mais ainda na novela que estou terminando, com o título provisório de “Antígona entre os Lobos”. Quanto ao fato do sul ser o lugar onde se fala o português mais correto no Brasil, tenho minhas dúvidas. Acho que se fala um bom português em todos os lugares em que as crianças têm condições de ir à escola. De fato, existe no sul uma classe média com capacidade econômica para frequentar escola. No meu entender, as crianças e adultos de estados marcados pela desigualdade social também falarão um português mais correto, em que pese a discussão sobre o que é português correto e português errado.

Você tem diversos artigos publicados sobre a relação da internet com a literatura, e a rede mundial de computadores é frequentemente apontada como um dos motivos pelo qual o hábito de ler livros irá se extinguir. Como a tecnologia poderia ser usada a favor da leitura?

Toda vez que aparece um meio de comunicação novo, as pessoas arrancam os cabelos e dizem que a mídia atual vai desaparecer. Quando a tecnologia da escrita apareceu na Grécia, Platão criticou essa mídia, que iria prejudicar a capacidade que as pessoas tinham de memorizar. A escrita existe até hoje e a memória também. Quando apareceu a fotografia, muitos disseram que a pintura iria desaparecer. Séculos depois, as artes visuais passaram de figurativas a abstratas e de abstratas a figurativas, e fauvista, e cubista e por aí vai. Veio o cinema, a fotografia estava com os dias contados. Inventaram a televisão, seria o fim do cinema. Chegou a internet, adeus televisão. Memória, fotografia, cinema, televisão, internet existem até hoje. E o livro também. A realidade vem mostrando uma preferência pelo mais, pela adição, e não pelo menos, pela subtração. Claro, o livro muda. No curto prazo, ficamos pessimistas. Meninos e meninas perderam a capacidade de articular uma frase correta, com sentido racional, porque a linguagem dos *chats* é feita de uivos, exclamações e reticências! Pondo em perspectiva a leitura de livros no Brasil desde 1950, podemos observar o quanto cresceu a indústria editorial e o consumo de livros no país. Se a produção editorial cresce, isso quer dizer que o brasileiro e, mais especificamente, as crianças, lêem menos? Quando contamos em outros países latino-americanos que o governo brasileiro distribuiu 366 milhões de livros em um período de quatro anos (2002 -2006) as pessoas ficam boquiabertas.

Você trabalhou para uma agência de notícias na China, que é um país com características ditatoriais ainda muito fortes. Como é o controle da literatura infantil no país? Quais assuntos as crianças chinesas desconhecem completamente? Por conta disso, elas têm algum tipo de ilusão em relação ao ocidente?

A China tem de fato um sistema diferente, baseado na ditadura do Partido Comunista. Mas desde 1979 vem passando por grandes transformações, adotando o modelo capitalista. Mas antes dessa abertura econômica, a China viveu 10 anos de Revolução Cultural. Durante esse período, as universidades, escolas secundárias ou primárias estiveram fechadas para que a cultura “capitalista” desse lugar a uma nova cultura. Templos foram destruídos, livros queimados e escritores assassinados. Claro que nesse período a literatura infantil era extremamente controlada, porque só servia aquela destinada a educar as massas dentro de certos princípios. Com a morte de Mao, o país passa por uma abertura em todos os setores. O Partido Comunista, que representava os proletários, mudou seus princípios a partir de Deng Xiaoping, no século passado, e passou a representar também os empresários e outros interesses. Voltando ao livro infantil, vamos citar duas características diferentes, em relação aos livros infantis na China e no Brasil. Primeiro, as edições, já que um livro na China começa com uma primeira edição de 100 mil exemplares, sendo que no Brasil raramente ela passa de 3 mil. A percentagem de analfabetos na China é mais ou menos igual à do Brasil, ou seja, entre 11% e 15% da população. Só que 15% da população chinesa é todo um Brasil. A segunda grande diferença entre o Brasil e a China é uma indústria editorial chinesa para crianças centrada em autores consagrados, especialmente os quatro maiores, Li Bai (701-762), Du Fu (712-770), Wang Wei (701-761) e Bai Juyi (772-846), às vezes acrescentando-se Su Dongpo (1037-1101) e uma representante feminina, Li Qingzhao (1084-1151). Eles partem do princípio de que existe boa e má poesia, sendo que as boas e de fácil entendimento possam ser reendereçadas às crianças.



Fernando Villela

Quando começou a ilustrar livros, você já tinha uma sólida carreira como designer e artista plástico. E na sua primeira obra já conquistou o prêmio Revelação Ilustrador 2004, da FNLIJ. Por que decidiu se aventurar no mundo das ilustrações infantis? E o sucesso imediato, você atribui a que?

Apareceu-me a oportunidade de ilustrar um livro de um mito russo depois de ter feito algumas ilustrações para um CD infantil. Mordi a maçã e gostei muito. Senti-me totalmente livre na ilustração para criar com os materiais que já tinha no meu trabalho autoral nas artes plásticas (principalmente o conhecimento de gravura). Também meu trabalho de designer se somou a isso, pois ilustrar livros com muita imagem, de certa forma, é pensar no espaço gráfico do livro como um todo. Creio que o sucesso imediato foi um movimento natural de afloramento dessas artes que eu já praticava, mas numa outra área, onde eu me senti mais livre para criar.

Quais as novas tendências em ilustração para crianças?

Posso falar como artista e não como crítico literário. Vejo que tanto no Brasil como no exterior, os ilustradores têm experimentado caminhos cada vez mais ousados. Se pensarmos que o livro ilustrado proporciona uma experiência estética para crianças - e muitas vezes para adultos também - quando mais a ilustração inova, mais propõe novas possibilidades de percepção, e consequentemente de sentir e pensar o mundo. Nas imagens pode-se perceber cada vez mais o uso da colagem - manual e digital - e a apropriação de elementos e objetos do mundo.

Você também desenha temas adultos. A técnica que utiliza é a mesma? Há diferença nas cores, traços etc?

Não vejo muita diferença de cores ou traços quando o tema é adulto ou infantil. Às vezes nada muda. O adulto pode se encantar com um livro que é, a princípio, para a criança. E a criança tem experiências maravilhosas com arte num museu. Os artistas não pintam para crianças, mas para os seres humanos.

No entanto, às vezes diferencio a intenção do meu trabalho quando o tema é para crianças muito pequenas, pois crio personagens com mais movimento e mais humor. Acho que as crianças podem se encantar e mergulhar - mais que o adulto - numa ilustração abstrata, se tiverem uma boa mediação.

Ana Maria Machado



Com mais de 160 livros publicados, vários destes premiados, você é considerada uma das principais autoras de literatura infanto-juvenil brasileira. No livro “O menino e o maestro”, você se inspira na história de um menino flautista que conheceu no calçadão da Praia de Ipanema, de classe baixa e que, mesmo assim, conhecia música clássica e popular. Você segue algum critério para a criação das histórias dos títulos para crianças e jovens?

Devo seguir algum critério. Sou uma pessoa muito criteriosa. Mas não sei dizer qual é. O processo de criação se passa em níveis mais inconscientes. Diria apenas que procuro ser fiel a mim mesma quando escrevo. Ao publicar, procuro res-

peitar o leitor sempre. E tratar bem da linguagem. Não importa a idade desse leitor.

Este ano, o Salão do livro completa 10 anos de comprometimento com a literatura de qualidade para as crianças e os jovens. Você acha que a feira alcançou um nível de visibilidade considerável entre os pais e os professores?

Acho que o Salão é um sucesso absoluto entre as crianças, os pais, os professores, os editores e os especialistas. Mais que isso: estabeleceu um padrão que começa a se impor em outros eventos do gênero no Brasil: o de privilegiar a palavra escrita de forma absoluta. O que atrai nele é sempre o livro, a palavra. Não é uma feira chamada de livros, aonde as crianças vão para ver teatro e dramatizações, ouvir música, cantar, zoar, assistir a palhaçadas, malabarismos ou outros números de espetáculos circenses ou ficar se ‘empanturrando’ de churros nas praças de alimentação. Esse Salão é do Livro Infantil mesmo. Tudo ali gira em torno do livro e busca uma promoção da qualidade literária e editorial. Não deve ter sido fácil conseguir impor um modelo desse tipo, frente a tantas pressões comerciais e de espetáculo. Mas a FNLIJ está de parabéns porque conseguiu.

Joel Rufino dos Santos

Você declarou que duas coisas despertaram seu interesse pela leitura quando criança: as histórias que ouvia de sua avó materna e as que aprendeu lendo a Bíblia. No Salão do Livro, crianças, que não tinham amplo contato com os livros, hoje têm a oportunidade de conhecer mais sobre literatura e de ouvir as histórias narradas durante o evento. Você acha que o fato de folhear e ouvir as histórias contadas durante o evento desperta nos pequenos o interesse pela leitura mais cedo?



O interesse pela leitura é um contra-senso: começa antes de se aprender a ler. Dizem que na própria barriga da mãe já estamos seduzidos pela palavra. Na primeira infância é decisivo que alguém converse conosco, nos conte histórias, faça teatro, leia poesia.

Você prioriza em seu trabalho as histórias populares e dá vida a personagens como o Saci, o Curupira, Tranco e o Burro Falante. O livro de literatura é uma forma de as crianças terem desde cedo um contato com a cultura popular brasileira?

O contato com o que chamamos cultura popular deveria (o que nem sempre acontece) começar quando somos crianças. Hoje, é difícil não só pelo preconceito (a própria escola subestima a cultura popular) como pelo fato de todos os contextos culturais se aplainarem na cultura de massas.

Em sua décima edição, o Salão do Livro para Crianças e Jovens, se consagra como o maior evento de literatura infantil e juvenil do país. A que se dá o sucesso alcançado pelo Salão? Você acha que o Salão do Livro representa hoje uma vitrine para os lançamentos de literatura?

Nessa festa do livro, muitas crianças que, de outro jeito, não veriam livros, não conheceriam escritores, contadores, livreiros, editores, têm essa oportunidade. O Salão é importante para o conhecimento de novos autores, em geral excluídos das vitrines comerciais.

Nilma Gonçalves Lacerda



Você se define uma mulher formada das fibras de romances, poesia, crítica, história, filosofia, correspondências e das viagens, ou seja, apaixonada pela literatura e suas vertentes. Qual é a sua relação pessoal com a escrita e a leitura?

O que são para mim leitura e escrita, senão uma forma de tomar a vida por um outro lado, um avesso de tecido, e

bordar o direito como poderia ter sido, como pode ser?

Você mencionou que o gosto pela leitura foi instigado pela sua mãe, que trabalhando numa livraria de origem francesa, que se instalou no Rio no final do século XIX, trazia sempre livros de contos clássicos, poemas e fábulas para você ler. Quando você era pequena gostava de ler quais tipos de histórias? Há quanto tempo você está envolvida com a literatura infantil/juvenil e como foi que iniciou sua carreira de autora?

Além dos livros já mencionados, lia os fragmentos de textos nos livros didáticos, lia – quando não sofria a censura de minha mãe – a revista de fotonovelas *Grande Hotel*, da editora Vecchi, famosa publicação nos anos de 1950, 1960, e o que ia chegando pelo caminho. Rabisquei alguns textos ainda adolescente, mas só dei corpo à escrita por ocasião da oficina literária com o escritor Cyro dos Anjos, no meu curso de mestrado em literatura brasileira. Comecei com contos, depois veio o romance ‘Manual de Tapeçaria’, em seguida um conto infantil e uma novela para jovens. A proximidade com a FNLIJ e o trabalho crítico que comecei a exercer influenciaram a maior presença da produção de títulos para crianças e jovens, em minha obra. Continuo, no entanto, também uma romancista que tem por alvo os adultos e uma crítica voltada à academia e ao público leitor.

Você tem vários títulos voltados para o público jovem.

Como é escrever para jovens? Que tipo de preocupações envolvem uma produção literária voltada para o adolescente?

Sou incertezas quanto a isso. Talvez seja como bordar a dor com maior delicadeza, mesclar a esperança ao estupor, ao falar do humano. Reconhecer que o ser humano é capaz de todas as figurações, ou, como diz uma amiga minha, em humor legitimamente judaico, que – como concepção divina – o ser humano não deu certo. Mas ele quer dar certo, daí o fracasso e a glória da espécie. É preciso partilhar com o jovem os abismos em que mergulhamos, os píncaros a que ascendemos. Com sinceridade, e respeito pelo futuro que aguarda por ele.

Roseanna Murray

Você começou a escrever poesia para crianças em 1980, com o livro ‘Fardo de carinho’, influência direta de ‘Ou isto ou aquilo’, de Cecília Meireles. Qual a receita para escrever poesia para crianças?

Acho que primeiro temos que ser honestos, a criança tem todos os sentimentos, uma capacidade imensa de compreensão,

um grande senso de responsabilidade. Começo pensando nisso, eu era uma criança com quem se podia falar sobre o tempo e a morte, duas questões fundamentais, então coloco todo o meu talento e busco temas que façam parte do universo da criança, tento criar um poema lúdico e musical. Depois de tantos anos escrevendo poesia para crianças acho que consegui um caminho

próprio. Mas não existem receitas para se fazer poesia.

Você já participou de vários projetos de leitura, sendo a responsável pela implantação do Projeto “Saquarema, uma onda de leitura” em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, uma roda de leitura direcionada para crianças de 5ª a 8ª séries. Qual foi o resultado deste projeto entre as crianças e os jovens? Houve uma participação efetivas por parte das crianças? Você está à frente de outros projetos de leitura?

O projeto de leitura em Saquarema foi implantado e funciona nas escolas municipais. Há uma grande lentidão aqui na Secretaria de Educação. Gostaria que tudo fosse mais ágil, mas mesmo assim a semente foi plantada. As crianças e os jovens respondem muito bem, é claro, eles adoram e muitos dos que começaram comigo são hoje leitores. Círculos de leitura deveriam funcionar em todas as escolas do Brasil, envolvendo não só crianças e jovens, mas funcionários e professores de todas as matérias. Seria um sonho. Quero abrir a minha casa para os círculos de leitura, mas preciso da Secretaria para me ajudar, preciso da cumplicidade com as escolas, é isso que gostaria de fazer agora, vou tentar começar ainda nesse semestre. Quero fazer um café literário aos sábados.

Durante esses 40 anos, a Fundação do Livro participou de projetos importantes de incentivo à leitura em todo o Brasil, como a Ciranda de Livros e o PROLER. Qual a importância de projetos como estes?

Todos os projetos de leitura são importantíssimos num país imenso como o Brasil, aonde grande parte das crianças e jovens não entende um simples texto. O ideal seria que a leitura fosse obrigatória como atividade em todas as escolas, mas apenas para discussão do texto, apenas para que se aprenda a pensar, a fazer relações entre as coisas, sem compromisso com notas ou avaliações. Qualquer texto literário pode oferecer discussões maravilhosas sobre os temas mais variados. É tão simples, basta investir nos professores e em agentes de leitura. Nesses 40 anos, a Fundação ajudou com projetos maravilhosos e é uma grande incentivadora da formação de leitores. Que bom que a Fundação existe.



Ziraldo

Foi a partir da criação do “Menino Maluquinho” que nasceram todos os seus outros livros e você pôde redescobrir o Brasil que vai às salas de aula e ainda tomar conhecimento dos grandes problemas da educação no Brasil. O Menino Maluquinho é um menino feliz e inteligente, um

menino que tem direito a felicidade. Qual é a sua grande responsabilidade social como escritor? Qual a melhor forma de despertar nas crianças o gosto pela literatura?

Complicado isto de definir minha “responsabilidade social”. Acho que se o escritor for se preocupar com isto, na hora de escrever, destrói sua obra. Não faço proselitismo com meus livros para crianças ou adultos, não trato de temas políticos, não quero fazer a cabeça de ninguém. Gosto, isto sim, é de inquietar os adultos acomodados e despertar as crianças para a alegria de ler com desenvoltura. Como disse o Drummond, o que quero é compor “uma canção que faça acordar o homem e adormecer as crianças.” Quando faço um livro ou um texto, penso no quanto ele pode ser agradável, interessante. A diferença que existe entre escrever um livro para crianças e um livro para adultos, no meu caso, é muito sutil. O texto dos dois é, para mim, um ‘parto’

difícil. Não sou escritor por vocação irresistível. Acho escrever mais difícil do que desenhar. Escrever é, portanto, mais desafiante para mim, que, aliás, adoro desafios. Para que a criança goste de ler, leia com ela, leia para ela. Histórias para crianças eram chamadas – na época em que não havia televisão, cinema e nem rádio (pelo menos na Inglaterra, um país de leitores) de *bedtime stories*. Eram as mães (e às vezes, pais) que liam os livros que estimularam, por exemplo, as irmãs *Brönte* a se transformarem em grandes escritoras. As crianças devem ler tudo que lhes cheguem às mãos: livros de histórias, livros que contam casos, gibis, jornais. Tudo que possa despertar a curiosidade para o mundo. Para fazer um país justo e feliz, bom para os filhos e os filhos dos filhos, um povo tem que saber escolher. E só se aprende isto com a palavra escrita. Fora do livro não há salvação.

Você começou a escrever depois dos 40 anos e o seu primeiro livro infantil foi “Flicts”, que nasceu 10 anos antes do Menino Maluquinho. Como surgiu a idéia de criar um livro gráfico? Qual é o segredo de escrever para crianças?

Em 1960, surgiu a possibilidade de fazer histórias em quadrinhos na revista “O Cruzeiro”, que era a realização do meu sonho até aquela data. Criei o “Pererê e sua turma” e durante cinco anos a revistinha vendeu muito. Em 1964, a revista parou e eu fui trabalhar em publicidade. Em 1963, comecei a colaborar com o Jornal do Brasil, no Caderno B, inventei os “Zeróis”, uma crítica dos heróis das histórias em quadrinhos e criei vários personagens, “Vovó Maricota”, que era uma velhinha viciada em loteria esportiva; a “Supermãe” e o “Jeremias, o Bom”. Em 1969, no mesmo ano em que lançamos o “Pasquim”, eu continuava no Jornal do Brasil. Decidi então acabar com a vida semanal do “Jeremias” e eternizá-lo num livro. Levei o livro para a editora Expressão e Cultura. O Fernando Ferro, um português sofisticadíssimo, topou fazer o “Jeremias”, mas me perguntou: “Você não tem um livro infantil?” Eu disse: “Claro que tenho um livro na gaveta”. “Trás amanhã” – ele falou. E eu tinha? Tinha nada. Tive que inventar um livro em uma semana. Um livro sem ilustrações, é claro. Foi assim que nasceu o “Flicts”, um livro só de cores. Fez um sucesso danado!

O Salão do Livro é hoje o maior evento do segmento de literatura infanto-juvenil do país e reúne pais, filhos e professores em torno da literatura. Você costuma dizer que as crianças precisam aprender a ler e a fazer as quatro operações básicas para se tornarem cidadãos pensantes e críticos. É possível aprender a gostar de ler na escola? Um evento de literatura desperta nos pequenos o gosto pela leitura?

Troca pais e mães por professores e professoras: ler com e para os alunos. Outra coisa importantíssima: uma contadora de histórias – ou contador – faz mais sucesso do que uma peça de teatro. Com um livro na mão, então, arrasa. E agora a grande idéia definitiva: diário. Toda criança alfabetizada, menino ou menina, tem que ter seu diário. Como os jovens letrados da França sempre tiveram desde séculos. Todo mundo tinha diário: escritor, mulher de escritor, filho de escritor e de burguês também. Diário infantil devia fazer parte do currículo escolar do ensino fundamental.

Graziela Hetzel

Você resgata em seus livros o vigor de recontar contos de fadas. Os contos ganham uma maior atenção dos pequenos leitores? Que tipo de livro as crianças mais gostam de ler?

Cresci ouvindo contos de fadas. Esses contos alimentaram minha imaginação



e permitiram que eu elaborasse sentimentos. Escrever contos de fadas, preservando sua linguagem poética e sua simbologia, foi um desafio. As crianças de hoje, nesse mundo de superheróis, recebem os contos muito bem e soube que Rosa Geszti fez um trabalho muito rico na Casa de Rui Barbosa com meu conto “As três feras”, há algum tempo atrás. Quanto ao tipo de livro que as crianças mais gostam de ler, acho que isso varia de acordo com a idade. Mas, uma coisa é certa: o pequeno leitor sempre se encantará com livros que falem ao seu coração com textos e ilustrações de qualidade.

Você começou a escrever aos doze anos e hoje tem vários livros publicados, inclusive, um último lançamento direcionado para a terceira idade “O jogo da amarelinha”. Como surgiu a idéia de escrever para crianças? É mais fácil escrever para adultos ou para crianças?

Quando comecei a escrever, não pensava em me tornar escritora. Escrevia por prazer e compulsão. Aos dezenove anos, trabalhando com turmas de alfabetização, escrevi minha primeira história infantil. No entanto, só em 1990 resolvi me dedicar à literatura. Creio que escrever para crianças é mais delicado. Tenho sempre presente os cuidados que devo tomar quando escrevo para este público tão especial.

O Salão do Livro para Crianças e Jovens completa 10 anos em 2008. Qual a importância do Salão do livro para o segmento de livros infanto-juvenis?

O Salão trouxe o livro, os autores e ilustradores para perto das crianças. Além disso, vem desenvolvendo o hábito de leitura e está mudando o conceito de que livros são ‘artigos supérfluos’ para o que eles realmente são: passagens para um Brasil melhor.



Eliardo França

Você é reconhecido no Brasil e exterior com um dos mais criativos e premiados artistas-ilustradores de livros infantis, tendo recebido menções honrosas por suas ilustrações como a do Instituto Nacional do Livro, a da Bienal de Ilustrações de Bratislava, a do IBBY na Grécia, a da 6ª

Muestra Internacional de Publicaciones Infantiles e Juveniles, na Espanha, entre outros prêmios. Qual é o critério para a construção de um desenho para crianças, para ilustrar um livro infantil? O desenho deve sempre ter uma ligação direta com o texto ou pode apenas subentender uma história?

O artista é o baú de sua arte. Nos seus guardados estão os sentimentos, o olhar atencioso e o constante fazer, desfazer e refazer. Por isso, a ilustração, ainda que nascida de uma obra literária, tem vida própria. Ela é dona do seu nariz. E, se realizada com boa fé, pode freqüentar as melhores famílias, salões e museus.

No Brasil, os primeiros livros ilustrados tiveram o papel de ornamentar, enfeitar o texto verbal, repetindo a tradição européia dos contos de fadas. Não havia uma interpretação visual, uma linguagem para o livro infantil. Hoje o trabalho de produção das ilustrações demonstra uma valorização estética e original sobre uma determinada história. Você acha que a ilustração enriquece as possibilidades de leitura de um livro infantil? Os desenhos verdadeiramente são um convite à leitura pelos pequenos?

A ilustração é um atrativo pra todo mundo. Tente vender um livro sem capa. Para os pequenos leitores ela é fundamental.

Uma das funções da Fundação do Livro, como seção brasileira do IBBY, é indicar autores e ilustradores brasileiros para concorrer ao Prêmio Hans Christian Andersen. Você já foi indicado. Qual a importância deste prêmio?

O *Hans Christian Andersen* é o Oscar da literatura infantil.



Marilda Castanha

Você começou a ilustrar livros infantis enquanto fazia a Escola de Belas Artes da UFMG, em Belo Horizonte. Participou ainda de seminários em Bratislava, Eslováquia, e em 1998, em Sarmede, na Itália. Dessas experiências nasceu o livro “Pindorama, terra das palmeiras”

que ganhou os prêmios Jabuti e Noma (este, no Japão). A sua experiência fora do Brasil foi essencial para que o trabalho como ilustradora ganhasse corpo no Brasil? Qual a principal diferença entre as ilustrações dos livros brasileiros e estrangeiros?

Na escola de Belas Artes tive pequenas abordagens sobre ilustração. Vendo livros, exposições, e depois participando de oficinas e seminários, busquei outros olhares - que não conhecia - mais específicos sobre a linguagem da ilustração. A experiência em Bratislava (ma indicação da FNLIJ) e a viagem a Sarmede são realmente um marco para mim. Foram importantes não necessariamente pela característica de terem sido vivenciadas no exterior, mas principalmente por terem proporcionado um distanciamento, mesmo que temporário, que fez voltar o meu olhar para o que eu intuía e já vivenciava. O distanciamento foi importante para realmente ver o que muitas vezes me passava despercebido. Quanto às diferenças entre os livros brasileiros e estrangeiros, vejo nos últimos anos um cuidado cada vez mais crescente com o resultado gráfico. Ao compará-los, percebo também a diversidade de culturas, não só nos textos, mas principalmente nas ilustrações. Os ilustradores mexicanos são diferentes dos tchecos, que por sua vez são diferentes dos ilustradores dos países nórdicos, que também não usam as cores dos italianos, dos franceses, que também têm outra concepção de imagem bem diferente dos ilustradores japoneses, que são diferentes dos brasileiros; com tudo que estas linguagens têm de identidade e pluralidade.

Na sua experiência com ilustração para as crianças, de que maneira a ilustração complementa o texto no livro infantil e juvenil? Os desenhos bem construídos são um convite aos pequenos leitores? As ilustrações ‘prendem’ a atenção dos pequenos ao texto?

A imagem é o nosso primeiro texto. A criança se expressa com as imagens que ela consegue produzir no papel e tenta ler também ao seu modo as imagens do livro que tem em mãos. E estas leituras serão diferentes a partir de experiências das próprias crianças e de acordo com suas respectivas idades e vivências. Por todas estas diferentes nuances de percepção das imagens penso que, ao fazer livros, não me preocupo apenas com os desenhos bem construídos, e sim com toda a construção do livro. Ele todo deve ser um objeto bem construído: o projeto gráfico, o texto, a ilustração. Os desenhos não devem ter apenas o caráter de atrair leitores, e sim o propósito de formar leitores, de oferecer leituras narrativas e de proporcionar realmente o encantamento da criança com a leitura e a literatura.

Como você avalia o trabalho desenvolvido pela Fundação do Livro nesses 40 anos dedicados à literatura infantil e juvenil?

Destes últimos 15 que acompanhei a Fundação vi uma diversidade de atuações. E de algumas delas também participei. Recordo-me de um dos projetos da Fundação, o ‘Ateliê do Artista’. Em algumas semanas este projeto unia autores, ilustradores e crianças de escolas públicas do Rio de Janeiro. E cada uma delas levava para casa um livro. Das duas vezes que participei (uma no jardim botânico e outra no Museu do Trem) tive a impressão de que nós, adultos e crianças que estavam ali vivenciávamos algo ao mesmo tempo utópico e real. Aqueles encontros, acredito, iam além do objetivo inicial de promover a leitura. Penso que a permanência e também continuidade de encontros como estes promovem também a cidadania, e podem possibilitar consequentemente a inclusão de várias crianças e adolescentes. Por tudo que a Fundação já proporcionou e pelo que ela ainda vai continuar realizando, parablenzo a FNLIJ.

Mario Vale

Você é artista plástico, cartunista, programador visual e autor de livros infantis. Faz ilustrações para livros, jornais, revistas e desenhos animados para televisão, como as vinhetas veiculadas diariamente pela Rede Globo (Plim-Plim). Qual é a sua opinião sobre as adaptações de obras literárias para a TV?



A televisão tem muito alcance popular e grande parte dos programas é de baixa qualidade e, muitas vezes, de conteúdo vulgar. Então, qualquer tentativa no sentido de melhorar o nível desta programação já significa um avanço, e, muito mais do que isso, quando as obras escolhidas passam por um processo de seleção e avaliação por pessoas especializadas em educação e literatura. Além de tudo, as adaptações de obras literárias despertam interesses das pessoas em conhecer o texto original, e, consequentemente, ajuda na formação de leitores.

Você trabalha com arte-educação, ensinando técnicas de recorte, colagem e dobradura em papel. Tem mais de 10 livros publicados, alguns deles ultrapassando a marca de 100.000 exemplares vendidos por todo o país, como “Picote, o Menino de Papel”, feito com recortes, colagens e dobraduras. Essa fórmula “livro-recorte-colagens” abre espaço para que as crianças usem a imaginação e a criatividade? O que é mais “natural” a palavra ou o desenho?

Trabalhar as ilustrações - seja pela pintura, desenho ou recorte - contribui para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, além de despertar a sensibilidade e o interesse da criança pela arte, e, consequentemente, pela literatura. O desenho faz parte da natureza do homem, assim como as palavras. Na época das cavernas os primeiros habitantes do planeta utilizavam os desenhos como linguagem para falar de seus medos, suas visões e suas epopéias.

Como autor de livros infantis, artista plástico e cartunista, você já recebeu diversos prêmios, entre eles o Prêmio ‘Altamente Recomendável’, pela FNLIJ. Qual a importância deste prêmio para a literatura infantil?

Os prêmios obtidos pela FNLIJ representam um atestado de qualidade para os livros e um grande estímulo ao autor pela seriedade e reconhecimento desta Fundação nos meios acadêmicos e literários do país. Quem ganha com isso é a literatura infantil.

10º Seminário FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil debaterá o Livro Infantil e Juvenil no Brasil e no Mundo

Estudiosos, autores, ilustradores, professores debatem a importância de Machado de Assis e Monteiro Lobato na formação de leitores

O 10º Seminário FNLIJ para Crianças e Jovens vai reunir professores, educadores, escritores e especialistas em literatura infantil para debater o tema “Vozes da Literatura Infantil no Brasil e no Mundo” e fará uma reflexão sobre a importância do acesso às obras de Machado de Assis e Monteiro Lobato entre os alunos do ensino médio. O seminário, nos dias 26 a 28 de maio, na Cinemateca do MAM, também abordará a produção literária e o papel das ilustrações no livro infanto-juvenil dos países homenageados nesta edição do 10º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens: Itália e Japão.

O tópico “Literatura e Ilustração Italiana” abre o debate no dia 26 de maio, com as presenças dos ilustradores italianos Francesco Tullio Altan e Roberto Innocenti, que acaba de ser premiado com o *Hans Christian Andersen* deste ano, e das escritoras Marina Colasanti e Eva Furnari, ambas de origem italiana. A especialista Tayo Shima, ex-presidente do IBBY e representante do Japão, participa da palestra “*Livros de Imagem como Arte Atravessando Épocas e Culturas*”. Após a apresentação, representantes dos Estados Unidos, Cuba, Colômbia e Brasil, de suas respectivas seções nacionais da organização internacional do IBBY participam do debate “Ação

Internacional do IBBY” sobre políticas de fomento à leitura em diversos países.

Já as mesas “Sobre Jella Lepman: a criadora do IBBY” e “Vencedores do Prêmio Hans Christian Andersen” apresentam o perfil da criadora do IBBY e o testemunho dos vencedores do mais importante prêmio para autores e ilustradores do livro infanto-juvenil, com as participações de Laura Sandroni, Luiz Raul Machado, Lygia Bojunga e Ana Maria Machado.

“A Literatura no Ensino Médio”, no dia 27, reúne os escritores Bartolomeu Campos de Queirós e Luiz Percival Leme Britto e o diretor de Política, Estética e Cultura da AEILIJ, Luiz Antonio Aguiar, para a troca de experiências sobre o tema. Para discutir “Machado de Assis no Ensino Médio” estão confirmados os autores Gustavo Bernardo, Domício Proença e Marta de Senna, pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa. A palestra “A Prática e a Teoria do Trabalho com LIJ na Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro” tem a participação de duas professoras da rede municipal para

expor os seus trabalhos com literatura infantil e juvenil na sala de aula.

Também no dia 27 de maio, estudiosos apresentam um panorama da leitura entre os brasileiros com o tópico “Sistema de Avaliação do Projeto Bibliotecas Comunitárias Ler é Preciso”, do Instituto Ecofuturo, com a participação do coordenador de pesquisas de políticas públicas do IPEA, Ricardo Paes de Barros, da diretora de educação do Instituto Ecofuturo Christine Fontele e da secretária-geral da FNLIJ, Elizabeth Serra. A escritora Marisa Lajolo, a pesquisadora literária Laura Sandroni e a especialista em literatura infantil e membro do Conselho Diretor da FNLIJ Isis Valéria participarão da mesa ‘Monteiro Lobato’. No dia 28, o 5º Encontro Nacional de Escritores e Ilustradores Indígena - pelo 5º ano consecutivo em uma parceria entre a FNLIJ e o INBRAPI - tem a coordenação do escritor indígena Daniel Munduruku e a presença de autores de origem indígena.

CONCURSOS DA FNLIJ NO SEGMENTO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL ATRAÍRAM CANDIDATOS DE TODO O PAÍS

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ realizou quatro concursos voltados para o segmento de literatura infantil e juvenil. Foram eles *Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil*, em parceria com a Petrobras, o 7º Concurso *Leia Comigo!*, o 5º Concurso *Curumim 2008 - Leitura de Obras de Escritores Indígenas* e o 5º Concurso *Tamoios - Textos de Escritores Indígenas*.

Os concursos atraíram inscrições de todo o país e os trabalhos foram entregues até abril. Os prêmios dos respectivos

concursos serão concedidos durante o 10º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, que acontece de 21 de maio a 1º de junho de 2008 no MAM-RJ.

Em sua 13ª edição, o concurso *Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil 2008* premiou os três melhores projetos de estímulo à formação de novos jovens leitores, levando em conta critérios como originalidade na concepção, viabilidade e área de abrangência de atendimento e número de beneficiários.

O concurso *Leia Comigo!* teve como objetivo incentivar entre as famílias o gosto pela leitura, acreditando que o adulto é, efetivamente, o mediador desse interesse da criança e do jovem pelos livros.

Em parceria com o Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (INBRAPI), os concursos *Curumim - Leitura de Obras de Escritores Indígenas* e *Tamoios - Textos de Escritores Indígenas* têm como objetivo instigar o conhecimento da cultura indígena, em forma de relato, por meio da leitura entre crianças e jovens dos livros de literatura de autoria de escritores indígenas.

MANTENEDORES

Abrelivros, Agência RIFF, Agir, Alis, Artes e Ofícios, Ática, Autêntica, Ave Maria, Bertrand Brasil, Biruta, Brinque-Book, Callis, CBL, Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, Ciranda Cultural, Companhia das Letrinhas, Companhia Editora Nacional - IBEP, Cortez, Cosac Naify, DCL, Dimensão, Doble Informática, Duna Dueto Editora, Edelbra, Ediouro, Editora 34, Editora do Brasil, Escala Educacional, Florescer, Forense, FTD, Fundação Casa Lygia Bojunga, Girafinha, Girassol Brasil Edições, Global, Globo, Gryphus, Guanabara Koogan, Jorge Zahar, José Olympio, Jovem, Larousse do Brasil, Lê, Leitura, L&PM, Maco, Manati, Marcos da Veiga Pereira, Martins Fontes, Melhoramentos, Mercurio Jovem, Moderna, MR Bens Editora, Nova Alexandria, Noovha América, Nova Fronteira, Objetiva, Pallas, Paulinas, Paulus, Peirópolis, Pinakotheke Artes, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, RHJ, Rocco, Roda Viva, Salamandra, Salesianas, Saraiva, Scipione, Siciliano, SM, SNEL, Studio Nobel, Zit.

EXPEDIENTE • Fotelito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação e Revisão: Factual Comunicação: Alessandra Barreto, Felipe Maciel e Manuela Menezes • Diagramação: Zero Produções

Gestão FNLIJ 2005-2008 • Conselho Diretor: Gisela Zincone (Presidente), Isis Valéria, Lucia Riff • Conselho Curador: Carlos Augusto Lacerda, Laura Sandroni, Luiz Alves Júnior, Regina Lemos, Sonia Machado, Suzana Sanson • Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira, Terezinha Saraiva • Suplentes do Conselho Fiscal: Jefferson Alves, Mariana Zahar, Regina Bilac Pinto • Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Alexandre Martins Fontes, Annete Baldi, Ana Ligia Medeiros, Cristina Warth, Eny Maia, Ferdinando Bastos de Souza, Fernando Paixão, José Alencar Mayrink, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Olavo Monteiro de Carvalho, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Rogério Andrade Barbosa, Silvia Gandelman, Wander Soares • Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente Notícias.

Tel.: 21-2262-9130

e-mail:

informacao@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: 21-2262-9130 Fax: 21-2240-6649 e-mail: informacao@fnlij.org.br

PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO

APOIO



PETROBRAS



CPG



CAIXA

Terna



CBL



REPORT



aei LIJ



ECOFUTURO

PRICEWATERHOUSECOOPERS

IMPRESSO